



O COLOSSO DE MAROUSSI

Henry Miller

O COLOSSO DE  
MAROUSSI



Tradução de  
Raquel Mouta

COORDENADOR DA COLECÇÃO  
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA:  
TINTA-DA-CHINA  
MMXI

## ÍNDICE

Prefácio 9

PARTE I 13

PARTE II 121

PARTE III 205

Nota biográfica 285

© 2011, Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A,  
1500-627 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título original: *The Colossus of Maroussi*  
© Henry Miller, 1941. Os herdeiros de Henry Miller.

Título: *O Colosso de Maroussi*  
Autor: Henry Miller  
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques  
Prefácio: Carlos Vaz Marques  
Tradução: Raquel Mouta  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Vera Tavares

1.ª edição: Novembro de 2011

ISBN 978-989-671-102-3

Depósito Legal n.º 336225/11

PREFÁCIO  
*por Carlos Vaz Marques*

Se ao ler este livro o leitor não sentir nem por um instante o irreprimível impulso de embarcar de imediato a caminho da Grécia, isso só pode significar que é alguém imune ao sortilégio das palavras, alguém para quem a literatura de nada serve.

*O Colosso de Maroussi* é uma obra que se desaconselha vivamente aos adeptos da temperança, aos sensatos de todas as modalidades de sensatez, aos praticantes do equilíbrio e da constância, àqueles que têm perfeitamente contabilizado o deve e o haver das suas vidas. Todos aqueles para quem a hipérbole é apenas uma forma gratuita de exagero, e não a expressão genuína de uma atitude apaixonada, devem abster-se de embarcar nas páginas que se seguem.

Quase tudo em *O Colosso de Maroussi* é hiperbólico, no sentido em que a hipérbole é capaz de exprimir uma entrega sem reservas, um desvario consciente e entusiasmado. É assim logo desde o título. O «colosso» referido é-o apenas no sentido em que «em qualquer figura humana há sempre algo de colossal quando o indivíduo em questão se torna verdadeira e completamente humano».

O Colosso de Maroussi é Katsimbalis, a quem a obra é dedicada, um homem excessivo em todos os aspectos: tanto

no modo como come e bebe, quanto na forma como fala. Katsimbalis é a personificação da sensualidade mística que o autor de *Sexus*, *Nexus* e *Plexus* encontrou na Grécia. Surge como uma revelação, a ideia de que há nele algo de colossal: «O homem que falava perdeu o tamanho e as proporções humanas, transformando-se num Colosso, e a sua silhueta oscilava para trás e para a frente com o ritmo profundo e monótono das frases narcóticas. Falava sem parar, sem pressas, imperturbável, inesgotável, inextinguível: era uma voz que ganhou corpo, forma, substância, uma figura que se tornou demasiado grande para a sua forma humana, uma silhueta cujas reverberações ecoavam nas profundezas das encostas distantes.»

Henry Miller considerava que este era o seu melhor livro. Disse-o por diversas vezes, nomeadamente na extraordinária entrevista que deu à *The Paris Review*, em 1962. Quando viajou pela Grécia, era um autor consumado e reconhecido, tendo já publicado *Trópico de Câncer* e *Trópico de Capricórnio*.

A viagem que aqui se relata aconteceu num período em que as nuvens trágicas da guerra se adensavam por toda a Europa: corria o ano de 1939. Miller partiu para a Grécia a convite do escritor e amigo Lawrence Durrell, para o que devia ser apenas um período de férias, antes da viagem pela qual verdadeiramente ansiava: a busca, no Tibete, de um mosteiro onde pudesse dedicar-se à vida espiritual.

Henry Miller nunca chegou a ir ao Tibete. Também não se retirou do mundo, como chegou a pretender. O inquieto autor de páginas vibrantes e inxcedíveis sobre as suas próprias aventuras sexuais viria aliás a ser descrito, de forma eloquente, na já referida entrevista, como alguém com a aparência de um monge tibetano que tivesse acabado de engolir um canário.

*O Colosso de Maroussi* é uma epifania. Nele se descobre o que há de primordial na ligação entre os homens e os deuses, entre a sensibilidade humana e uma forma laica de transcendência. A Grécia, aos olhos de Miller, é o espaço onde se ligam esses fios que unem passado e presente, transcendência e imanência.

PARTE I

Nunca teria ido à Grécia se não fosse uma rapariga chamada Betty Ryan, com quem partilhei casa em Paris. Certa noite, diante de um copo de vinho branco, ela começou a falar das suas deambulações pelo mundo. Eu ouvia-a sempre com grande atenção, não só pela estranheza das experiências mas porque, quando falava daquelas viagens, a Betty parecia que as estava a pintar: o que ela descrevia ficava-me gravado na cabeça como as telas acabadas de um mestre da pintura. Naquela noite, a conversa foi peculiar: começámos por falar da China e da língua chinesa, que ela estudava. Pouco depois estávamos no Norte de África, no deserto, rodeados de povos de que eu nunca ouvira falar. E de repente ela caminhava sozinha ao longo das margens de um rio, e o sol era intenso, e eu seguia-a o melhor que podia sob aquela luz ofuscante, mas ela perdeu-se e eu dei por mim a deambular numa terra estranha, onde se falava uma língua que eu nunca tinha ouvido na minha vida. Aquela rapariga não era propriamente uma contadora de histórias, mas uma espécie de artista, pois nunca ninguém me conseguiu transmitir de forma tão perfeita a atmosfera de um local como ela em relação à Grécia. Muito mais tarde, vim a descobrir que foi perto de Olímpia que ela se perdeu, e eu com



ela, mas para mim na altura era simplesmente a Grécia, um mundo de luz que eu nunca imaginara, nem esperara ver.

Durante vários meses antes de ter aquela conversa, fui recebendo cartas da Grécia, do meu amigo Lawrence Durrell, que praticamente vivia em Corfu. As cartas que me escrevia também eram maravilhosas, ainda que um pouco irrealis. O Durrell é poeta, e as cartas dele poéticas eram: faziam-me uma certa confusão, pois nelas o sonho e a realidade, o histórico e o mitológico, misturavam-se com uma mestria imensa. Mais tarde vim a descobrir por mim mesmo que essa confusão é real e não se deve apenas ao talento poético. Mas na altura pensei que ele estava a embelezar o lugar, que era a sua forma de me convencer a aceitar os convites reiterados para lhe fazer uma visita.

Alguns meses antes de rebentar a guerra, decidi fazer umas longas férias. Para começar, há muito tempo que queria visitar o vale do Rio Dordonha. Por isso, fiz a mala e apanhei o comboio para Rocamadour, onde cheguei de manhãzinha, por volta do nascer do Sol, ainda com a Lua a reverberar imensa luz. Foi um golpe de génio da minha parte viajar pela região da Dordonha antes de mergulhar no mundo luminoso e encajado da Grécia. Um só vislumbre daquele rio negro e misterioso em Dômme, do belíssimo promontório no extremo da vila, é algo por que devemos dar graças para o resto da vida. Para mim, este rio, esta região, são do poeta Rainer Maria Rilke. Não é francesa, nem austríaca, nem sequer europeia: é a terra de encanto demarcada pelos poetas e a que só eles têm direito. É o que existe de mais parecido com o paraíso deste lado da Grécia. Chamemos-lhe o paraíso do francês, à guisa de concessão. Na verdade, deve ter sido um paraíso durante

muitos milhares de anos. Creio que o terá sido para o homem de Cro-Magnon, não obstante os vestígios fossilizados das cavernas imensas que apontam para uma condição de vida inquietante e aterradora. Creio que o homem de Cro-Magnon se instalou ali porque era muito inteligente e tinha um sentido da beleza extremamente desenvolvido. Creio que neste homem o sentido do religioso já se encontrava imensamente desenvolvido e que ali floresceu, mesmo tendo ele vivido como um animal nas profundezas das cavernas. Creio que esta bela e pacífica região de França será sempre um local sagrado para o homem e que, quando as cidades tiverem exterminado os poetas, será um refúgio e o berço dos poetas vindouros. Repito, para mim foi extremamente importante ver a Dordonha, pois dá-me esperança no futuro da espécie humana, no futuro da própria Terra. Daqui a muito tempo a França poderá já não existir, mas a Dordonha perdurará tal como perduram os sonhos, que alimentam as almas dos homens.

Em Marselha, apanhei o barco para Pireu. O meu amigo Durrell viria ao meu encontro em Atenas, levando-me depois para Corfu. No barco seguiam muitas pessoas do Levante. Simpatizei logo com elas, preterindo americanos, franceses e ingleses. Tinha um grande desejo de falar com árabes, turcos, sírios e outros que tais. Queria saber como viam o mundo. A viagem prolongou-se por quatro ou cinco dias, dando-me tempo de sobra para travar conhecimento com quem eu ansiava conhecer melhor. Muito por acaso, o primeiro amigo que fiz foi um estudante de medicina grego, que regressava de Paris. Falámos em francês. Na primeira noite, falámos até às três ou quatro da manhã, principalmente sobre Knut Hamsun, por quem descobri que os gregos têm uma grande paixão. De início, pareceu-me

estranho falar deste génio do Norte navegando em direcção a águas mais quentes. Com aquela conversa aprendi imediatamente que os gregos são um povo entusiasta, de espírito curioso e apaixonado. *Paixão* — aquilo de que há muito tempo sentia falta em França. Mas não só de paixão, também de contradição, confusão, caos — todas as qualidades humanas genuínas que redescobri e voltei a apreciar na pessoa do meu novo amigo. *E a generosidade*. Cheguei a pensar que teria sido varrida da face da Terra. Ali estávamos nós, um grego e um americano, com alguma coisa em comum, e contudo éramos seres imensamente diferentes. Foi uma magnífica introdução ao mundo que estava prestes a revelar-se aos meus olhos. Sentia-me enamorado da Grécia, e dos gregos, antes mesmo de vislumbrar o país. Via de antemão que eram um povo amistoso, hospitaleiro, acessível e de trato fácil.

No dia seguinte, encetei conversas com outras pessoas — um turco, um sírio, alguns estudantes do Líbano, um argentino de origem italiana. O turco despertou-me uma antipatia quase imediata. Tinha uma fixação por lógica que me deixava furibundo. Além disso, era uma lógica ridícula. E à semelhança das outras pessoas, de quem eu discordava violentamente, encontrei naquele homem uma expressão do que o espírito americano tem de pior. O progresso era a obsessão daquelas pessoas. Mais máquinas, mais eficiência, mais capital, mais comodidades — não sabiam falar de outra coisa. Perguntei-lhes se sabiam dos milhões de desempregados na América. Ignoraram a pergunta. Perguntei-lhes se já se tinham apercebido de como o povo americano era vazio, inquieto e infeliz, mesmo com todos os luxos e comodidades que as máquinas lhe proporcionavam. Foram insensíveis ao meu sarcasmo. O que queriam era sucesso — dinheiro, poder, um lugar ao sol. Nenhum deles

queria regressar à sua terra natal. Por uma qualquer razão, todos foram obrigados a regressar contra vontade. Diziam que não tinham como viver no seu próprio país. *Quando começaria a vida?*, quis eu saber. Quando tivessem todas as coisas que tem a América, ou a Alemanha, ou a França. A vida era feita de coisas, principalmente de máquinas, pelo que pude perceber. A vida sem dinheiro era uma impossibilidade: era preciso ter roupa, uma boa casa, um rádio, um carro, uma raquete de ténis, e assim por diante. Disse-lhes que não tinha nenhuma daquelas coisas e que era feliz sem elas, que tinha virado as costas à América precisamente porque tais coisas nada significavam para mim. Disseram que eu era o americano mais estranho que já tinham conhecido. Mas gostaram de mim. Colaram-se a mim durante toda a viagem, perseguindo-me com todo o tipo de perguntas, a que eu respondia em vão. Ao serão, juntava-me ao grego. Entendíamos-nos melhor, muito melhor, apesar daquela adoração pela Alemanha e pelo regime alemão. Também ele, é claro, gostaria de ir um dia para a América. Todos os gregos têm o sonho de ir para a América e lá fazer o seu pé-de-meia. Não tentei dissuadi-lo; dei-lhe uma imagem da América, como eu a conhecia, como a tinha visto e vivido. Pareceu assustar-se um pouco: admitiu que nunca lhe tinham contado nada do género sobre a América. — *Vá lá* — disse eu — e veja por si mesmo. Eu posso estar enganado. Só lhe estou a contar o que conheço pela minha própria experiência. Lembre-se — acrescentei — de que o Knut Hamsun não se divertiu assim tanto por lá, nem o seu querido Edgar Allan Poe...

À refeição, sentava-se à minha frente um arqueólogo francês, que estava de regresso à Grécia. Podia ter-me contado uma série de coisas sobre a Grécia, mas nunca lhe dei essa oportunidade; desagradou-me desde que lhe pus os olhos em

cima. O sujeito de quem mais gostei naquela viagem foi o italiano da Argentina. Devia ser o indivíduo mais ignorante com que já me cruzei na vida, mas era simultaneamente encantador. Em Nápoles, fomos juntos a terra para fazer uma boa refeição e visitar Pompeia, de que ele nunca tinha ouvido falar. Estava um calor opressivo, mas apreciei o passeio; se tivesse ido na companhia de um arqueólogo, morreria de tédio. Em Pireu, o italiano foi comigo a terra para visitar a Acrópole. O calor estava ainda pior do que em Pompeia, onde já era muito forte. Às nove da manhã, deviam estar quarenta e muitos graus ao sol. Mal passámos o portão das docas, caímos nas mãos de um guia grego matreiro, que falava um pouco de inglês e de francês, e que prometeu mostrar-nos tudo quanto havia de interessante por uma soma modesta. Tentámos perceber quanto pretendia ele pelos seus serviços, mas em vão. Estava calor demais para discutir preços; deixámo-nos cair num táxi e dissemos-lhe que nos levasse directamente para a Acrópole. A bordo tinha trocado os meus francos por dracmas e pareceu-me que meti ao bolso um grande maço de notas. Por isso achei que podia pagar a conta, por muito exorbitante que fosse. Sabia que íamos ser aldrabados e aguardava esse momento com satisfação. A única coisa que tinha como absolutamente certa em relação aos gregos era que não se podia confiar neles; teria sido uma desilusão caso o nosso guia se revelasse magnânimo e cavalheiresco. Já o meu companheiro estava um pouco preocupado com aquela situação. Seguiu viagem para Beirute. Dava para ouvi-lo a fazer contas de cabeça enquanto avançávamos pelo meio de uma poeira e de um calor sufocantes.

O percurso entre Pireu e Atenas é uma boa apresentação da Grécia. Nada tem de convidativo. Faz-nos pensar por que razão decidimos visitar a Grécia. A paisagem tem não só

alguma coisa de aridez e desolação, mas também de terror. Sentimo-nos despidos e espoliados, é praticamente uma aniquilação. O motorista parecia um animal a quem ensinaram miraculosamente a conduzir uma máquina louca: o nosso guia dava-lhe constantemente indicações ora para a direita, ora para a esquerda, como se nunca tivessem feito aquele percurso. Senti imensa pena do motorista, pois sabia que também ele seria aldrabado. Tinha a impressão de que o homem não sabia contar para lá de cem; também tinha a impressão de que ele conduziria o táxi para dentro de uma vala se o mandassem fazer isso. Quando chegámos à Acrópole — foi uma loucura ir para lá imediatamente —, havia centenas de pessoas à nossa frente, apinhadas junto ao portão. Nessa altura, já estava um calor tão tremendo, que eu só conseguia pensar em sentar-me à sombra. Encontrei um sítio relativamente fresco e fiquei lá à espera de que o argentino visse tudo a que tinha direito. O nosso guia ficou à entrada com o motorista do táxi depois de nos confiar a um dos guias oficiais. A ideia era acompanhar-nos até ao Templo de Zeus Olímpico e ao Templo de Hefesto, e a outros locais, assim que nos fartássemos da Acrópole. É claro que não fomos a nenhum desses sítios. Dissemos-lhe que seguisse para a cidade, que encontrasse um sítio fresco e pedisse gelado. Eram cerca das dez e trinta quando nos instalámos na esplanada de um café. O calor deixava toda a gente com um ar derreado, até mesmo os gregos. Comemos gelado, bebemos água gelada, depois repetimos o gelado e a água gelada. Logo a seguir pedi chá quente porque me lembrei de alguém me ter dito certa vez que o chá quente refresca.

O táxi estava parado na berma com o motor a trabalhar. O nosso guia parecia ser a única pessoa que não se importava com aquele calor. Devia pensar que íamos arrefecer um bocado

e depois voltávamos a correr de um lado para o outro debaixo daquele sol, para ver ruínas e monumentos. Por fim lá lhe dissemos que pretendíamos dispensar os seus serviços. Ele respondeu que não havia pressa, que não tinha nada de especial para fazer, que tinha todo o gosto em fazer-nos companhia. E nós dissemos que já tínhamos visto que chegasse para aquele dia e gostávamos de fazer contas. O guia chamou o empregado e pagou a conta do seu próprio bolso. Continuámos a insistir com ele para nos dizer o preço. O homem teimava em não dizer. Queria saber quanto é que nós achávamos que valiam os seus serviços. Nós respondemos que não sabíamos — ele que decidisse. Então, após uma longa pausa, em que nos olhou de cima a baixo, e coçou a cabeça, e inclinou o chapéu para trás, e enxugou a testa, etc., anunciou num tom displicente que 2500 dracmas deviam saldar as contas. Lancei um olhar ao meu companheiro e disse-lhe para abrir fogo. Como seria de esperar, o grego estava perfeitamente preparado para a nossa reacção. E é disto, devo confessar, que eu gosto nos gregos, quando são astuciosos e habilidosos. Quase imediatamente, respondeu: — Pronto, está bem, se não acham que o meu preço é justo digam um preço. — E foi o que nós fizemos. Dissemos-lhe um preço igualmente ridículo, só que baixo. Ele pareceu gostar daquele regateio elementar. Verdade seja dita, todos nós gostámos. Aquilo era transformar um serviço em algo de tangível e real, semelhante a uma mercadoria. Sentimos-lhe o peso e avaliámos a coisa, brincámos com ela como se fosse um tomate maduro ou uma espiga de milho. Finalmente chegámos a acordo, não quanto a um preço justo, pois teria sido um insulto à capacidade do nosso guia, mas concordámos que excepcionalmente, por causa do calor, por não termos visto tudo, e assim por diante, que lhe pagávamos uma determinada quantia e que

ficávamos bons amigos. Um dos pontos de somenos importância sobre o qual regateámos durante muito tempo foi o valor que o nosso guia pagou ao guia oficial da Acrópole. Ele jurou que tinha dado 150 dracmas ao homem. Eu vi a transacção com os meus próprios olhos e sabia que ele só lhe tinha dado 50 dracmas. Ele insistia que eu não vi bem. Resolvemos o imbróglio, fingindo que ele tinha dado ao guia mais 100 dracmas do que pretendia, um exemplo de casuística tão completamente anti-grega, que, se naquele momento ele tivesse decidido despojar-nos de todas as nossas posses, teria justificação para tal e os tribunais da Grécia tê-lo-iam defendido.

Uma hora depois, despedi-me do meu companheiro, arranjei um quarto num hotelzinho ao dobro do preço normal, despi-me e deitei-me nu na cama, onde me deixei ficar numa poça de suor até às nove da noite. Procurei um restaurante, tentei comer, mas desisti depois de algumas garfadas. Nunca senti tanto calor na minha vida. Era uma tortura estar sentado junto de uma luz eléctrica. Depois de algumas bebidas geladas, saí da esplanada onde estava e encaminhei-me para o parque. Deviam ser umas onze da noite. De todos os lados surgiam bandos de pessoas que se encaminhavam para o parque. Lembrei-me de Nova Iorque numa noite escaldante de Agosto. Era novamente a manada, coisa que nunca senti em Paris, excepto durante a revolução falhada. Deambulei lentamente pelo parque em direcção ao Templo de Zeus Olímpico. Ao longo dos carreiros poeirentos, havia mesinhas dispostas de forma distraída. Sentados, no escuro, casais falavam em voz baixa, com copos de água à frente. *O copo de água...* havia copos de água por todo o lado. Era uma coisa obsessiva. Comecei a ver a água de forma diferente, como um novo elemento essencial da vida. Terra, ar, fogo, água. Agora, a água passara a ser o

Chegando a Atenas, encontrei um monte de cartas remetidas de Paris e vários avisos do posto de correios, solicitando que passasse por lá assim que pudesse para levantar dinheiro. A American Express também tinha dinheiro para mim, enviado da América por amigos meus. Golfo, a camareira, que era de Loutraki, onde Katsimbali chegou a ter um casino, e que falava comigo sempre em alemão, estava toda animada com a ideia de eu receber várias somas de dinheiro de uma só vez. E o mesmo aconteceu com Sócrates, o porteiro da noite, e com o carteiro, que ostentava sempre um sorriso rasgado ao contar o dinheiro antes de o entregar. Na Grécia, como noutros países, quando se recebe dinheiro do estrangeiro, há a expectativa de que se façam pequenas dádivas em todas as direcções. Entretanto, fui indirectamente informado de que poderia ter um excelente quarto com casa de banho privativa num dos melhores hotéis da cidade pelo mesmo que estava a pagar no Grand. Eu gostava das camareiras, dos porteiros, dos paquetes e do próprio dono do hotel; gosto de hotéis de segunda ou de terceira categoria, que são limpos mas modestos, que já viram melhores dias, que têm um aroma do passado. Gostava dos besouros e das baratas enormes que encontrava sempre no meu quarto

quando acendia a luz. Gostava dos corredores largos e retretes todas alinhadas ao fundo do átrio como se fossem banhos públicos. Gostava do pátio sombrio e do som do coro masculino a ensaiar num salão perto do hotel. Por umas poucas dracmas, podia mandar o pacote, que era um velho parisiense de catorze anos de idade, entregar as minhas cartas em mão, um luxo de que nunca antes usufruía. Receber tanto dinheiro ao mesmo tempo quase me fez perder a cabeça. Estive prestes a comprar um fato completo, de que estava extremamente necessitado, mas felizmente o tio do pacote, que tinha uma pequena loja perto do bairro turco, não mo pôde fazer com suficiente rapidez. Depois, estive quase a comprar uma bicicleta para o pacote, pois ele garantia-me que lhe seria de um préstimo inestimável para fazer os seus recados; mas como ele não conseguiu encontrar uma de que gostasse, chegámos imediatamente a um acordo, oferecendo-lhe eu algumas camisolas e um par de calças de flanela.

Certo dia, Max, que não fazia mais nada a não ser andar de carro de um lado para o outro a entregar os boletins noticiosos do Gabinete de Imprensa Britânico, anunciou que fazia anos e que ia esbanjar uma pequena fortuna, convidando todos os amigos e conhecidos para comer e beber com ele. Aquela festa de aniversário tinha alguma coisa de forçado. Apesar dos rios de champanhe, da extravagante abundância de comida, das mulheres, da música, da dança, não chegou realmente a correr bem. Os ingleses, como seria de esperar, embebedaram-se enquanto o diabo esfrega um olho e caíram no seu coma habitual, daquela forma encantadora e subaquática que lhes é característica. A festa fez-me lembrar uma noite que passei em Londres num salão de baile, na companhia de um homem de Bagdade. Durante a noite inteira, o homem só soube falar de

seguros ou então de fatos e de como se deviam usar. Max, que não podia beber por motivos de saúde, não parava de encher os copos das outras pessoas e emanava um brilho reflectido, como uma sala iluminada por lustres tilintantes. A sua ideia para o agradável desfecho das festividades era irmos até umas ruínas abandonadas para espatifarmos os carros. Numa festa anterior, tinha de facto subido os degraus do King George Hotel com o carro, para grande espanto dos empregados. Fui-me embora por volta das três da manhã, bêbedo mas nem um bocadinho alegre.

Mais ou menos por essa altura, recebi uma carta do consulado americano em que me pediam para passar por lá, a fim de renovar ou de anular o meu passaporte. Fui lá para me informar melhor. Sendo natural do país, não levei a coisa muito a sério. Deve ser alguma burocracia, pensei para mim mesmo. Trouxe uma fotografia, perguntaram-me imediatamente. Não, tal não me tinha ocorrido. O porteiro andou comigo durante alguns quarteirões à procura de um homem que costumava estar numa certa esquina. A máquina estava lá, mas do homem nem sombra. Não tinha compromissos, por isso sentei-me no passeio e aguardei pacientemente. Quando regressei ao consulado, encontrei vários gregos americanizados à espera de serem interrogados. Estava lá um velho camponês matreiro que, ao que tudo indicava, prosperara na América e que me divertiu imenso. Falava em grego com uma das secretárias, grega. Era evidente que não tinha gostado do ar eficiente e um tanto superior da mulher. Emburrou. Não dizia nem que sim nem que não às perguntas que a mulher lhe fazia. Suspeitou de alguma coisa e ficou na defensiva. A secretária estava quase fora de si. Mas, quanto mais ela se enfurecia, mais tranquilas eram as reacções dele. A mulher olhou para mim, desesperada.

mundo grego, na sua totalidade de passado, presente e futuro. Vejo uma vez mais os montículos baixos e lisos sob os quais ocultavam os mortos ilustres; vejo a luz violeta em que os arbustos hirtos, as pedras gastas, os imensos penedos dos leitos secos dos rios brilham como mica; vejo as ilhas em miniatura a flutuarem acima da superfície do mar, rodeadas de ofuscantes anéis brancos; vejo as águias mergulharem em voos rápidos de escarpas vertiginosas em inacessíveis cumes montanhosos, e as suas sombras tenebrosas mancham lentamente o tapete brilhante da terra cá em baixo; vejo as figuras de homens solitários, arrastando os seus rebanhos sobre o espinhaço despido dos montes, e o velo dos animais é de uma lanugem dourada como no tempo das lendas; vejo as mulheres reunidas à volta dos poços, no meio dos olivais, de vestimenta, modos e fala iguais ao que eram nos tempos bíblicos; vejo a imponente figura patriarcal do padre, mistura perfeita de macho e fêmea, com o seu semblante sereno, franco, pleno de paz e dignidade; vejo o padrão geométrico da natureza explicado por ela mesma num silêncio que é ensurdecedor. A terra grega abre-se diante dos meus olhos como o Livro do Apocalipse. Não sabia que a terra encerrava tantas coisas. Até então, caminhei de olhos vendados, com passos inseguros e hesitantes. Era orgulhoso e arrogante, e contentava-me com a vida falsa e limitada do homem cidadão. A luz da Grécia abriu-me os olhos, entrou-me pelos poros dentro, expandiu todo o meu ser. Regressei à minha terra natal, o mundo, depois de encontrar o seu verdadeiro centro e o verdadeiro significado de revolução. Não há conflitos bélicos entre as nações da Terra que consigam perturbar este equilíbrio. A própria Grécia poderá envolver-se no conflito, como nós próprios estamos a envolver-nos, mas eu recuso categoricamente ser menos do que o cidadão do mun-

do que, em silêncio, declarei ser quando estava no túmulo de Agamémnon. Desse dia em diante, passei a dedicar a minha vida à recuperação da divindade do homem. Paz a todos os homens, é o que eu desejo, e uma vida mais copiosa!

**P**recisamente quando acabava de escrever a última linha, o carteiro entregou-me uma carta típica de Lawrence Durrell, datada de 10 de Agosto de 1940. Transcrevo-a aqui para completar o retrato de Katsimbalis.

*Os camponeses estão espalhados por todo o lado, a comer melancias; o sumo corre pelas calbas do convés. Uma multidão imensa que segue em peregrinação à Virgem de Tinos. Acabámos de zarpar precariamente do porto, perscrutando a linha do horizonte em busca de submarinos italianos. O que te quero mesmo contar é a história dos Galos da Ática: vai servir de moldura ao teu retrato do Katsimbalis, que ainda não li mas pelo que ouço dizer há-de ser fantástico. A história é esta. Há umas noites atrás subimos todos à Acrópole, muito embriagados e inflamados pelo vinho e pela poesia; a noite estava quente e escura, o sangue bramia com o conhaque. Sentámo-nos nos degraus em frente ao portão grande, passando a garrafa entre nós, com o Katsimbalis a recitar e o G. a lacrimejar, quando de repente o K. foi acometido de uma espécie de achaque. Levantou-se de um salto e gritou: — Querem ouvir os galos da Ática, seus modernos malditos? — Tinha uma intensidade histórica na voz. Não respondemos, nem ele estava à espera de uma resposta nossa. Deu uma corridinha até à beira do precipício,*



*como uma rainha das fadas, uma rainha pesada e negra, com as suas roupas escuras, atirou a cabeça para trás, bateu com o punho da bengala no braço aleijado e soltou a clarinada mais horripilante que já ouvi na minha vida. Cocorococó. Ecoou por toda a cidade — uma espécie de uivo sombrio salpicado de luzes como cerejas. Ricochetou de monte em monte e acabou às voltas por baixo das muralhas do Pártenon... Estávamos tão chocados, que perdemos a fala. E enquanto ainda olhávamos uns para os outros na obscuridade, eis que ao longe, com uma clareza argêntea no meio daquela escuridão, ouve-se responder um galo sonolento... depois outro, e mais outro. Ao ouvir aquilo, o K. ficou louco. Endireitou-se como uma ave prestes a levantar voo e, batendo as abas do casaco, soltou um grito tremendo — e os ecos multiplicaram-se. Gritou até ficar com as veias todas salientes, e de perfil parecia um galo maltratado e sem penas, batendo as asas sobre o seu próprio esterqueiro. Gritou até ficar histérico e até a sua audiência no vale se estender por toda a Atenas, por toda a Ática, por toda a Grécia, assim parecia, até eu quase te imaginar na tua secretária em Nova Iorque a seres acordado a altas horas da noite por aqueles tremendos berros argênteos: uma alvorada katsimbalina na Ática. Foi épico — um grande momento de puro Katsimbalis. Se tivesses ouvido aqueles galos, o saltério desvairado dos galos da Ática! Sonhei com aquilo duas noites seguidas. Bem, estamos a caminho de Míconos, resignados, agora que ouvimos os galos da Ática lá no cimo, na Acrópole. Era interessante se incluísse esta história — faz parte do mosaico...*

LARRY



## NOTA BIOGRÁFICA

HENRY MILLER nasceu em Manhattan, Nova Iorque, em 1891. Um dos grandes mestres da literatura americana do século xx, escreveu mais de 36 obras.

A família de Henry Miller mudou-se para Brooklyn ainda no ano de 1891, e aí ele passou a sua infância. Em 1909, Miller entrou para o nova-iorquino City College, acabando por frequentar a universidade apenas durante dois meses. Enfadado com a rotina académica, trabalhou em diversas áreas: foi motorista de táxi, revisor no *Chicago Tribune* e também bibliotecário, por exemplo. Em 1917, casou-se com Beatrice Sylvas Wickens, a primeira das suas cinco mulheres. Foi por esta altura que iniciou a sua carreira literária. Em 1930, Miller mudou-se para Paris, onde viveu durante quase dez anos e onde manteve o célebre relacionamento tórrido com a escritora Anaïs Nin.

Quando escreveu *Trópico de Câncer* (1934), que se mantém como o seu livro mais famoso, Henry Miller entrou definitivamente no círculo literário da época. Na altura de *Trópico de Capricórnio* (1939), já conquistara o seu estatuto nas letras. A publicação e a circulação destes livros foram censuradas nos Estados Unidos ao longo de 30 anos, devido ao seu conteúdo sexual explícito.

Em 1939, Miller abandonou Paris e decidiu aceitar o convite do escritor e amigo Lawrence Durrell para que o visitasse na Grécia, onde passou seis meses, na época em que a Segunda Guerra Mundial eclodia na Europa. Aí escreveu *O Colosso de Maroussi*, considerado por diversos críticos e pelo próprio como a sua melhor obra literária.

Devido à conjuntura bélica que se vivia, Miller regressou aos Estados Unidos antes do previsto. Anos mais tarde, no início da década de 1960, depois de passar um ano em viagem pela Europa, fixou-se na Califórnia, abandonou a prática de escrever diariamente e substituiu-a pela de pintar. Os últimos 20 anos da sua vida foram solitários e pacatos.

Henry Miller morreu em 1980, na sua casa de Pacific Palisades, Los Angeles.



## NESTA COLECÇÃO

*Morte na Pérsia*

Annemarie Schwarzenbach  
(trad. Isabel Castro Silva)

*Histórias Etiópicas*

Manuel João Ramos

*Uma Ideia da Índia*

Alberto Moravia  
(trad. Margarida Periquito)

*Na Síria*

Agatha Christie  
(trad. Margarida Periquito)

*Paris*

Julien Green  
(trad. Carlos Vaz Marques)

*A Viagem dos Inocentes*

Mark Twain  
(trad. Margarida Vale de Gato)

*O Japão é Um Lugar Estranho*

Peter Carey  
(trad. Carlos Vaz Marques)

*Viva México*

Alexandra Lucas Coelho

*Veneza*

Jan Morris  
(trad. Raquel Mouta)

*Jerusalém — Ida e Volta*

Saul Bellow  
(trad. Raquel Mouta)

*Caderno Afegão*

Alexandra Lucas Coelho

*Caminhar no Gelo*

Werner Herzog  
(trad. Isabel Castro Silva)

*Disse-me Um Adivinho*

Tiziano Terzani  
(trad. Margarida Periquito)

*Cartas do Meu Magrebe*

Ernesto de Sousa

*Nova Iorque*

Brendan Behan  
(trad. Rita Graña)

*Viagem de Autocarro*

Josep Pla  
(trad. Carlos Vaz Marques)